

A universidade corrupta: o jeitinho brasileiro de se fazer ciência

IVAN M. F. LEICHSENRING*

Resumo: Antes do advento do Sistema Qualis, a pesquisa enviesada sempre pareceu ser uma via fácil na obtenção de financiamento, reconhecimento e privatização da máquina universitária nas mãos de poucos grupos científicos, como há muito, por exemplo, tem-nos demonstrado a área de Medicina e suas relações um tanto discutíveis com a indústria farmacêutica. Neste estudo, após um breve levantamento histórico-comparativo com a situação alemã do Entre Guerras, tecemos algumas críticas sobre a atual produção científica brasileira nas Ciências Humanas e ao atrelamento de nossas universidades públicas aos modelos internacionais e cientificistas de produtividade. E, também, tentamos debater como a corrupção científica tem se construído e fortalecido por causa da enorme pressão do “publicar ou perecer” e da adoção do Sistema Qualis, que têm induzido nossos cientistas a optar por consagrar temas já anteriormente pré-consagrados, evitando assim a crítica, anulando possíveis questionamentos, estimulando a publicação de “artigos-placebo” e impedindo, em última análise, o desenvolvimento científico e tecnológico do país.

Palavras-chave: Ideologias Totalitárias; Tecnocracia; Corrupção – Pesquisa Enviesada; Delinquência Acadêmica; Banalização da Ciência.

The corrupt University: the Brazilian way of doing science

Abstract: Before the advent of the Qualis System, skewed research always seemed to be an easy way to obtain funding, recognition and privatization of the university machine in the hands of a few scientific groups, as for a long while, the area of medicine and its somewhat controversial relationships with the pharmaceutical industry has shown us. In this study, after a brief comparative-historical survey with the German situation of interwar period, some criticism have been weaved about the current Brazilian scientific production in the humanities and the bundling of our public universities to international and scientificist productivity models. A discussion has also been tried on how scientific corruption has built and strengthened because of the enormous pressure of 'publishing or perishing' and the adoption of the Qualis System, which has induced our scientists to choose to consecrate themes previously pre-consecrated, thus avoiding criticism, annulling possible questioning ideas, encouraging the publication of 'placebo-articles' and ultimately preventing the scientific and technological development of the country.

Key words: Totalitarian Ideologies; Technocracy; Corruption – Skewed Research; Academic Delinquency; Trivialization of Science.



* **IVAN M. F. LEICHSENRING** é Mestre em Educação (2012) pela Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo. Possui Licenciatura Plena em Linguística e Português pela Universidade de São Paulo (2008) e Bacharelado em Linguística e Português também pela mesma universidade (2004). Tem experiência nas áreas de linguística, português, português língua estrangeira, literatura, inclusão digital, e interpretação e produção de textos. Trabalha, maiormente, em projetos sociais, com ênfase em linguagem e educação. Ademais, é escritor e artista plástico. E-mail: ivan.leichsenring@usp.br

“Se queremos que tudo fique como está é preciso que tudo mude. Expliquei-me bem?”

(Tancredi Falconeri, em *O leopardo*, de Lampedusa)

“É preciso que as coisas mudem, para que nada mude.”

(Tancredi Falconeri, em *O leopardo*, de Visconti)

1. Introdução

Em Leichsenring (2012) pudemos ver que apesar do aumento desmedido de publicações científicas ao longo aproximadamente dos últimos dez anos, com vistas de enquadrar o Brasil no rol dos melhores países em ciência e tecnologia, a qualidade de nossa produção científica tem deixado a desejar. Uma vez que este conhecimento foi reificado, ou seja, o artigo científico é não mais que um artigo de consumo e o cientista foi descaracterizado – já que hoje ocupa uma nova posição, a de um homem de negócios – a universidade pública tenderia a agir como uma empresa de serviços, dada a perda de autonomia e a contínua busca em atender metas alheias ao que se esperaria duma comunidade acadêmica¹.

¹ O presente ensaio provém do tema de pesquisa de dissertação de mestrado defendida por nós em 2012, fruto dum estudo multidisciplinar a respeito do grave problema da ampliação desmedida de publicações científicas com o intuito de colocar o Brasil entre os melhores países em ciência e tecnologia sem um correspondente aumento na qualidade do que se tem produzido. Além disso, estudamos o Sistema Qualis (da Capes) enquanto órgão governamental de controle de qualidade da produtividade universitária e o que este sistema entende por qualidade para obtermos excelência acadêmica, posto que nos últimos dez anos é a entidade responsável, oficialmente, por regularizar e hierarquizar os periódicos produzidos no país.

Embora o Sistema Qualis, da Capes², possua diversos critérios de análise para classificar e hierarquizar periódicos científicos, apenas um deles tem hoje realmente valor: o Fator de Impacto³, cálculo este que *coopera* fortemente para um novo processo de colonização cultural que sofremos ao defender uma globalização científica que aspira ao prestígio internacional sem considerar (e ao menos valorizar) nossas características singulares enquanto unidade nacional científica e técnica perante outros países; e plurais, como participantes da cultura científica – esta que compreendemos não ser uma, mas no mínimo duas⁴.

Conforme o autor há certos efeitos que podem ser considerados negativos em consequência da falta de uma política científica e educacional clara para com o Estado brasileiro, já que a ausência de

² Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior.

³ O Fator de Impacto é o critério de análise da produção científica mundial usado pela base de dados do *Institute for Scientific Information* – ISI, e que foi adotado pelo Sistema Qualis como referencial de indexação da produção científica nacional. O valor obtém seus resultados a partir da divisão do número de vezes que um artigo de um periódico indexado é citado num ano particular, pelo número de trabalhos publicados pelo mesmo periódico nos últimos dois anos.

⁴ Duas ciências, no mínimo, isso se considerarmos a divergência de raciocínio, método e compreensão de mundo a partir das duas grandes culturas científicas que dividem ainda hoje a ciência, ou seja, a oposição entre as Ciências Naturais e as Ciências Humanas. Sobre este tema, confira a palestra de Snow (1963).

interesse, desconhecimento ou simplesmente a omissão ao assunto tende a desviar o foco dos nossos institutos de ensino superior para uma visão acrílica e alienante, já que deveriam ter o papel principal de agentes de transformação sociocultural perante a sociedade brasileira em relação à produção científica. Uma vez que essa produção de conhecimentos é comumente vista como “objetiva” e “racional” e seu discurso amiúde apresentado como “neutro”, tal posição termina por reforçar nosso atraso científico e tecnológico, colaborando na perpetuação de nosso subdesenvolvimento.

Como vimos, a desordenada superprodução de artigos que hoje nos caracteriza não implica necessariamente em boa pesquisa, nem em progresso social e crescimento do país (resolvendo suas mazelas, por exemplo) como se poderia supor em tamanho acúmulo produtivo, mas sim em saberes e práticas de pesquisa não poucas vezes escusas no âmbito universitário, em relações discutíveis abrangendo cientistas, pesquisadores, alunos, governos e/ou fundações na busca incessante por novos resultados.

Logo, se se aceita sem qualquer discussão mais aprofundada a adoção do Sistema Qualis e do critério exclusivista do Fator de Impacto como apresentados pelo autor deveríamos aceitar o fato de que nunca deixamos de ser uma colônia científica, um mero exportador de matérias-primas – nossos estudantes – e um grande importador de ciência e tecnologia⁵.

⁵ Observe-se a exemplo um episódio recente, o do estudante brasileiro secundarista Gustavo Haddad, campeão olímpico em Física (ouro

Entendemos que o desenvolvimentismo produtivista não permite a transformação da ciência; muito menos a ausência de transformação dessa mesma ciência para algo melhor poderá servir de alicerce e vir a permitir o desenvolvimento qualitativo da sociedade brasileira.

Nesta fábrica de conhecimento, a universidade é clichê: trabalha pela estereotipia, está destinada a reproduzir o que é de lugar-comum a todos e releva o conhecimento à categoria de mera informação.

Sendo assim, neste ensaio, tentaremos abordar como se constroem algumas dessas pesquisas suspeitas, enviesadas, as quais aparentemente têm-se multiplicado por causa das demandas governamentais e do Qualis; afora os investimentos financeiros que exigem e pressionam os cientistas por mais publicações para que possam medir o reconhecimento da ciência brasileira em nível internacional.

2. A exemplo da universidade alemã

Como se sabe, do Renascimento em diante o poder atemporal da Igreja foi gradualmente transferido para o controle de um novo tipo de religião, a religião científica, responsável entre outras coisas pela formação dos Estados nacionais, sendo seu conhecimento agora mais valorizado, já que estudado e ensinado nas escolas; sustentado e defendido pelos meios de comunicação nascentes; legalizado e registrado por buro e tecnocratas; e, armado e idolatrado por militares.

E se a ciência ocupa o lugar salvador da religião, o Cientificismo seria então sua principal seita, já que se poderia

internacional), mas que atualmente estuda fora do país, no MIT.

compará-la a uma poderosa doutrina religiosa a partir de seu triunfo no século XIX, em virtude das grandes colaborações da Física e da Matemática (e também da Biologia e Química) para o domínio do conhecimento científico na transformação do mundo natural e das cidades através da tecnologia produzida, a qual tentaria subjugar pela imposição de seus dogmas a toda ciência produzida posteriormente.

Decidindo o que é ou não conhecimento científico pelo uso de seu exclusivo método de apreensão de todo dado fenomenológico, o Cientificismo nos vestiu com seu hábito, e uma vez sacralizado, permanece como sinônimo perfeito de qualidades que a nós, sobretudo povos ocidentais, são bastante caras: “verdade”, “neutralidade”, “realidade”, “ética”, “idoneidade”, “sustentabilidade”, “conhecimento”, “independência” etc.

Não obstante,

[...] O reino da técnica é o fetiche do método, que dispensa o ser humano da responsabilidade sobre seu legado científico. [...] Ora, o reino da técnica, em sua máxima especialização é a tecnocracia, que não se construiu sozinha, por uma mera casualidade. Enquanto técnica ela se sustenta a partir dum fundamentalismo científico que passou despoticamente a reinar no interior da ciência, sendo que seu argumento está completamente atado uma ordem moral-política no interior da sociedade capitalista. A este fundamentalismo chamamos Cientificismo (LEICHSENRING, 2012, p. 24).

Em nossa ciência contemporânea a técnica é, portanto, fundamental, pois graças a ela um país pode se desenvolver

e vir a fazer parte das benesses do capital. Contudo, frequentemente o papel dos tecnocratas é negligenciado pelas sociedades, quer nas científicas ou não. Nas universidades alemãs do início do século XX, por exemplo, o fato de muitos cientistas terem aderido ao nazismo não foi necessariamente por uma fraqueza educacional das instituições perante a ascensão de um líder carismático e totalitário.

Segundo Robinson (2007), do século XIX em diante a palavra corporação ganhou um novo significado, especialmente nos EUA, que a diferenciaria de corporação industrial. Entretanto, a universidade europeia se desenvolveu como um grupo corporativo ou *guilda* (e por isso *coleguismo* era fundamental)⁶. Formada por associações autônomas, privadas e auto-seletivas, na qualidade de grupo corporativo possuíam grande prestígio político e social, cujo poder era o suficiente para mantê-las, de certa maneira, independentes da influência dos nobres e do clero. E, além disso, era provável que esses dois estratos sociais não achassem nas guildas ainda nenhum uso que carecesse administração e nada de tão extraordinário proveito que viesse a ajudar no desenvolvimento e manutenção do Sacro Império Romano-Germânico⁷. Na Alemanha, estas guildas

⁶ De acordo com Houaiss (2009), “coleguismo” e “colégio” possuem ambas as palavras o mesmo cognato, derivam do termo latino *colegium*, que significa “confraria”, “associação”, “corporação”.

⁷ O Sacro Império Romano-Germânico inicia-se na Idade Média (800) e esfacela-se em 1806, com seu último imperador, Francisco II, que abdicou do trono em meio das Guerras Napoleônicas. Formado por inúmeros principados, ducados e reinos, sua extensão territorial variou muito, mas no auge de sua

permaneceram famosas em cada estado e continuaram independentes mesmo após 1871, ano da unificação.

Após a derrota dos exércitos alemães para Napoleão, no início de 1800, o reformador educacional Wilhelm von Humboldt optou por uma universidade diferente ao exemplo centralizador do ensino francês, por um modelo que resgatasse e reafirmasse a tradição cultural alemã e assim reforçou a universidade corporativa já antiga com a “liberdade acadêmica”, isto é, a liberdade dos professores de ensinarem o que quiser, e a liberdade dos estudantes em aprenderem o que quiser⁸.

Nos Estados Unidos, as universidades e as faculdades primeiramente foram fundadas e mantidas por instituições religiosas, por fundações privadas e por governos estaduais da federação, daí a dificuldade de centralizá-las sob apenas um mando. E, também por isso, inspiradas no prestígio das famosas universidades alemãs, universidades como John Hopkins e a de Chicago logo adotaram as características prussianas de ensino e pesquisa.

Para o cenário europeu, eu definiria “os mandarins” simplesmente como a elite social e cultural que deve seu *status* muito mais às qualificações

história reunia terras da Alemanha, Áustria, República Tcheca, Eslovênia, Liechtenstein, Suíça, Luxemburgo, Bélgica, Países Baixos e grande parte da Polônia, França e Itália.

⁸ A Alemanha está vivendo o Romantismo nessa época, daí o resgate das origens e artes germânicas, da valorização da cultura nacional. O viés francês de ensino foi aquele adotado pelo Brasil: autoritário e centralizador, cujas normas a serem seguidas partem de cima para baixo. E isso talvez explique a adoção de sistemas centrais reguladores da educação brasileira em todos os níveis de formação oficial escolar. O Qualis seria apenas um desses sistemas.

educacionais do que à riqueza ou aos direitos hereditários. O grupo constituiu-se de médicos, advogados, clérigos, funcionários do governo, professores de escolas secundárias e professores universitários, todos eles com diplomas de curso superior, concedidos com base na conclusão de um currículo mínimo e na aprovação num conjunto convencional de exames. *Os “intelectuais mandarins”, principalmente os professores universitários, preocupam-se com a dieta educacional da elite. Preservam os padrões de qualificação que permitem a afiliação ao grupo e agem como seus porta-vozes em questões culturais* (RINGER, 2000, p. 22. Grifo nosso).

No período que compreende o final do século XIX e a Primeira Guerra Mundial há uma grande procura de alunos por estes centros universitários alemães, ao mesmo tempo em que ocorre um uso e abuso da *Privatdozent*, isto é, a cobrança de taxas de inscrição dos cursos oferecidos visando aumentar os rendimentos dos professores. Com o tempo, o ministério de educação alemão aprova uma espécie de regularização da profissão de professor universitário, ainda que as universidades continuem a exercer suas tradições corporativas, elegendo seus próprios diretores e reitores (Robinson, 2007).

Consoante Ringer (2000), quase todos os “intelectuais mandarins” eram vinculados à máquina administrativa e por isso grande parte da história das elites consistiria na história da burocracia. Daí que para todo governante seria essencial o estímulo financeiro e apoio aos universitários, porque são estes os formadores dos

futuros governantes e enfim, os responsáveis por dizer o que deve ou não ser estudado, o que é ou não cultura, o que identifica ou não a “pureza” de um povo, de uma “língua” etc. No sistema político-educacional, a lealdade ao governante é estimulada, além da política salarial, a partir de prêmios, bonificações, concessão de títulos variados e prestígios político-culturais.

A despeito da maior importância ao cientista alemão, agora remunerado pelo Estado, e com um maior número de estudantes por causa da popularidade das universidades, na categoria de professor, o cientista ainda não trazia recursos financeiros para que pudesse se destacar profissionalmente e ter um padrão alto de vida. Assim, de acordo com Robinson (2007), cada vez mais se pratica as classes de ensino pago, que no caso de um ou outro cientista esta experiência talvez fizesse sentido; um erudito poderia adquirir uma boa reputação profissional ao longo da vida, conseguindo se manter bem em sua aposentadoria e podendo participar da vida acadêmica, ainda que pelas bordas.

Contudo, a maioria dos cientistas não consegue se sustentar do mesmo modo e tampouco obter maior visibilidade entre os estudantes e, sendo assim, não têm “liberdade acadêmica” como poucos teriam, e por isso existiria a tendência a ocupar cargos em empresas privadas, a se conservar quando muito no seu cargo burocrático no meio universitário (o que lhe reservaria *status* de uma elite política-cultural) ou no secundário.

Gradualmente, pode-se supor, que o antigo coleguismo universitário seja substituído tão logo pela *endogamia*.

As deep, historically informed thinker, the sociologist Max Weber,

strove to uphold the highest ideals of German collegiality, academic freedom, and self-government. And it was not easy. [...] “Academic freedom exists in Germany within the limits of political and ecclesiastical acceptability. Outside these limits there is none” (ROBINSON, 2007, p. 02)⁹.

Apesar dessa situação da universidade alemã, o país será o mais influente do início do século XX e sua pesquisa chegará a ser considerada uma das melhores do mundo, conduzindo os germânicos a um grande crescimento industrial em curto espaço de tempo. De acordo com Kauffmann (2008), a sociedade alemã estimulava a criação e premiava seus cientistas, dando-lhe fama mundial, sendo que em 1921, vinte anos após a criação do *Nobel*, os alemães já haviam levado para casa a metade deles em Ciências Naturais e Medicina.

Além disso, os cientistas alemães serão também participantes, se não os criadores de diversas correntes filosóficas e/ou culturais que visavam moldar o espírito do homem a um novo mundo: humanismo e idealismo (à esquerda, de natureza romântica); o irracionalismo (à esquerda, de viés simbolista); o cientificismo (à direita, de viés realista, visto “neutro” e, por isso “sem ideologia”), e finalmente o fascismo e o nazismo (à direita, de natureza naturalista).

⁹ Em tradução livre: “Como um pensador profundo, historicamente informado, o sociólogo Max Weber esforçou-se em defender os ideais mais elevados do coleguismo alemão, da liberdade acadêmica e da autonomia. E não foi fácil. [...] “Liberdade acadêmica só existe na Alemanha dentro dos limites de aceitabilidade política e eclesiástica. Fora destes limites, não há nenhuma.”.

Deste modo, as universidades alemãs foram mais que instituições apenas dedicadas ao *ensino* e à *pesquisa* neste tempo, elas desempenharam um excelente serviço à política e vida social alemã, posto que fossem instrumentos organizativos das classes dominantes na *extensão* de suas ideologias à classe média.

Entre essas correntes, a do cientificismo virá a crescer bastante nas universidades alemãs, dado que se apresenta ajustada a certos valores da burocracia acadêmica e que questiona e reage à corrente dos irracionistas, décadas antes dos nazistas tomarem o poder. Isto acontecerá porque os cientistas ignoravam que também a ciência possui um lado que é metafísico.

O erro dos cientistas alemães foi, portanto, no período, dar para a corrente cientificista um respaldo acima do habitual, lutar por mais espaço, laboratórios, um corpo docente qualificado e por mais dinheiro, para que com isso se pudesse garantir a dissociação entre o uso que se faz da técnica e a responsabilidade moral pelo uso da tecnologia desenvolvida.

Com essa separação, a universidade alemã terminou por colocar a ciência como centro de tudo que ela produzia de conhecimento e, igualmente, como fim último desse próprio conhecimento, segundo Lilge, sociólogo alemão emigrado aos Estados Unidos que escreverá em 1948 o estudo “O abuso da aprendizagem: o fracasso da universidade alemã” (Bentley; Reller, 1985).

De fato, se relacionarmos nossa atual situação universitária da década de 1990 para cá com o que foi vivenciado pela universidade alemã no período do Entre

Guerras, observa-se muitas semelhanças, já que a elite intelectual não mais conseguia garantir a poucos aquilo que deveria ser de um todo social na construção de um país – muito embora os estudos universitários em qualquer país desenvolvido (mesmo hoje ou no período dos anos 1920 e 1930) invariavelmente foram voltados para uma pequena elite e não para melhorar a projeção econômica e social da classe média.

Assim, além do fato de que o Brasil ainda ocupe – e ao que parece com certo orgulho – o lugar de uma das piores distribuições de renda e terra de todo o mundo, além de sua enorme concentração midiática, e que seu ensino público persevere, eternamente, em deixar a desejar em quase todos os níveis, a impressão que temos é que hoje conseguimos estabelecer um padrão de mediocridade em âmbito universitário só comparável a Alemanha de outrora. Nesta circunstância, talvez se possa concluir que países que, ora ou outra se conservem na posição de periferia do capitalismo, estão mais sujeitos ao desenvolvimentismo totalitário e ao emprego devotado de todo tipo de extremismo ideológico, do nazismo ao neoliberalismo:

[...] os professores descobriam toda uma série de progressos que lhes pareceram sintomas ou aspectos da decadência geral [...], achavam que um número exagerado de alunos estavam se diplomando nas escolas secundárias e ingressando nas universidades, muitos deles sem talento nem suficiente preparação para tirar proveito da experiência acadêmica [...] todos os padrões tinham sido sacrificados num esforço para acomodar uma grande massa de mentes mediocres. *O*

filólogo Hermann Paul falava do excesso do ensino mecânico, do excesso de repetição pura e simples, do estudo intenso e mal digerido em função dos exames mesmo nas escolas secundárias. [...] Inscreviam-se nas aulas obrigatórias [os estudantes] sem mesmo assistilas de fato [...], repetiam aquela decoreba sem sentido, dessa vez para passar nos exames do Estado e assim obter posições mais seguras que tinham sido objetivo real de seus esforços desde o começo [...] o esnobismo social e a caça ao emprego eram os principais motivos da explosão do número de matrículas das escolas secundárias [...] Para Werner Jaeger [...] a tentativa de estender a educação tradicional a números cada vez maiores só podia ter consequências infelizes: 'O ensino superior [...] tornou-se um artigo de consumo de massa, barato e ruim [...] A massa enquanto tal é acrítica e fanática' (RINGER, 2000, p. 241. Grifo nosso).

Colocado isso, torna-se mais fácil compreender o porquê da universidade alemã científica logo ter sido englobada pela corrente dominante do nazismo. Decerto que se a ciência já não possui uma moral que lhe sirva de apoio e horizonte, a moral nazista em vigor termina por lhe assistir bastante bem. Ou então acaba por ser consumida por outro tipo de moral não menos perniciosa, que lhe socorreria do outro lado do Atlântico, inclusive financiando-a na criação e execução da bomba atômica; afinal tudo vale em nome do progresso científico: “Cuando Hitler subió al poder en 1933 se produjo un éxodo masivo de sabios que dejaron Europa. Como es sabido *los EE.UU. hicieron una fabulosa cosecha de talentos y genios*

[...] (VARSAVSKY, 1975, pp. 72-73. Grifo nosso).

3. A pesquisa enviesada

Guardada a separação no tempo histórico e a situação política, não seriam tão diferentes assim a formação e as características da universidade alemã anterior ao Reich e a estrutura atual da universidade pública brasileira, nesta democracia um tanto frágil após tamanha ditadura. Não passamos pelo feudalismo, é certo, tampouco criamos filosofias tão radicais quanto a que logo se tornaria doutrina imperialista na Alemanha, bem como não constamos entre as figuras principais da Segunda Guerra – embora nossos ditadores militares, bem como todos os outros da América Latina tenham aprendido com afinco as lições da CIA e da humanista Escola Francesa¹⁰. E, finalmente, nunca ganhamos sequer um *Nobel*, coisa que os alemães, pelo contrário, fizeram escola.

E, no entanto, a nossa universidade é mandarinesca, nossa cultura é absurdamente autoritária – para não dizer fascista – e regulada pela ordem burocrática antes mesmo de se poder chamá-la de democrática, frutos não somente de resquícios de diversas ditaduras cujos efeitos ainda nos são permanentes, mas pelo fato de termos sido colônia de terceiros por séculos a fio, se ainda não somos – e, como se sabe, não só de portugueses.

Já na década de 30, Frederic Lilge acusava a tradição universitária alemã da neutralidade acadêmica de permitir aos universitários alemães a felicidade de um emprego permanente, escondendo a si

¹⁰ Cf. *Esquadrões da Morte: a Escola Francesa*, sob direção de Marie-Monique Robin, 2003.

próprios a futilidade de suas vidas e seu trabalho. Em nome da “segurança nacional”, o intelectual acadêmico despe-se de qualquer responsabilidade social quanto ao seu papel profissional, a política de “panelas” acadêmicas de corredor universitário e a publicação a qualquer preço de um texto qualquer se constituem no metro para medir o sucesso universitário. Nesse universo não cabe uma simples pergunta: o conhecimento a quem e para que serve? (TRAGTENBERG, 2004, pp. 16-17).

Ora, a universidade corrupta pertence a uma sociedade opressora que se cristaliza quando a Justiça perde a venda que lhe tapa aos olhos e assim deixa de se tornar cega para todos que dela participam. Pelo o que se pode observar, a decisão favorável de um governo ou fundação para um tipo ou outro de projeto desenvolvido se voltará para as propostas mais caras e sombrias se deixando levar facilmente pela complexidade e o tamanho dele (número de participantes, de titulados etc.).

Consoante Reos (2002, *apud* Estévez; Marini, 2004), nesses projetos é mais difícil o controle político sobre o que de fato se pesquisa, legalizando o controle econômico, além de favorecer a corrupção em contratos, consultorias, nomeações etc., inflacionando o direito privado e as regalias provenientes deles¹¹. Em tal *modus operandi* poder-

¹¹ Note-se, por exemplo, como se constrói a indústria do livro didático no Brasil: são praticamente as mesmas editoras envolvidas todos os anos, que vendem ao governo centenas de milhares de livros didáticos ao preço simbólico de, aproximadamente, um real cada. O mais novo participante neste *métier* é a editora Abril, fabricante da revista de entretenimento *Veja*, que há pouco comprou o Sistema Anglo de Ensino. Esta indústria move o mercado de

se-ia supor que a melhor competência na universidade pública estaria mais bem relacionada com o maior índice de corrupção.

Por outro lado, a propaganda se faz imprescindível se se deseja atingir grandes públicos e, de maneira especial, bancar *relações públicas* apropriadas não só com fundações e/ou governos, mas no palco departamental em que se vive e representa. Um cientista não pode perder de vista a relação de seu projeto de pesquisa, financiamentos possíveis e sua relação com o público alvo, devendo tentar agradar a todos, variando sua abordagem de persuasão e adequando-a ao contexto quando lhe for imperativo.

Desta maneira, quanto maior a pesquisa desenvolvida, maior também será a endogamia universitária nalgum campo de pesquisa, podendo mesmo vir a abranger grande parte de um departamento numa área científica. Até porque quanto maior o número de envolvidos, menor será o de dúvidas a respeito de um tema qualquer, a respeito de sua utilidade, aonde se pretende chegar estudando tal assunto e o porquê disso etc.

Sela-se, pois, um *pacto de silêncio* e a corporação universitária se torna tão logo uma tácita cooperação:

“No se puede apelar a las leyes escritas, porque ofenden a las no escritas. Y no se puede apelar a las no escritas, porque varían en su redacción invisible o en su aplicación según los intereses coyunturales de quién esté al

profissionais universitários, ainda que sejam poucos os que consigam realmente participar dela. Poderíamos talvez indagar se a escola brasileira necessita mais de receitas ou de cozinheiros.

mando” (LANDA, 2008, Grifo nosso)¹².

Pelo exemplo de Miguelote e Camargo Jr. (2010), os interesses privados de alguns atenderiam a uma indústria do conhecimento. A Medicina (e áreas afins) estaria atrelada com a indústria farmacêutica, que de um lado faria uso da máquina pública universitária com grandes injeções de dinheiro e propaganda no financiamento de pesquisas enviesadas, e de outro se valeria desses cientistas já empregados para depois legitimar certos produtos, muitos dos quais de eficácia suspeita, através da produção científica em massa como método de divulgação¹³:

[...] para a indústria farmacêutica introduzir determinada substância no mercado, precisa associá-la ao conhecimento. É a caracterização do produto como evidência científica que direciona a venda. O mecanismo é o descrito acima: em primeiro lugar, o foco de interesse está em encontrar, a partir de uma concepção biológica, uma descrição consensual de um estado de natureza; em segundo, definir um desvio deste estado, para caracterizar como anormalidade; e, em terceiro, investir em pesquisas voltadas à correção dessa pressuposta anormalidade (MIGUELOTE; CAMARGO JR, 2010, p. 03).

No entanto, se nas Ciências Naturais a corrupção nos parece mais clara porque

¹² Cf. <<http://garciala.blogia.com/2008/021701-endogamia-y-corrupcion.php>>. Acesso em: 11-12-2013.

¹³ Sobre este tema é digno de nota a Hipótese de Duesberg, hoje mais aceitável, que afirma que a Aids não é uma doença causada por vírus e que existe uma grande indústria de remédios (os coquetéis) voltada somente para a cura ou minimização dos efeitos da doença.

até essa qualidade nesta área de conhecimento pelo visto é concreta e, portanto, exata, nas Ciências Humanas parece ser a prática da ordem do dia e de corriqueiro aprendizado, embora comumente não seja mais que sussurros que se ouve aqui, ali e acolá¹⁴.

Ao que tudo indica, na Torre de Marfim, a política de corredor afagaria melindres, o voto de cabresto decidiria os currais e o assédio moral terminaria por eliminar os votos desfavoráveis. Se isso for mesmo verdade, entendemos que estas relações corruptas seriam frutos do *jeitinho*, esta corrupção especial brasileira que granjeia certo refinamento na universidade “pedantocrata”, a usar das palavras de Tragtenberg (2004), que longe de ser *instituição*, não passa de *organização* (Freitag, 2004).

Em geral, a pesquisa enviesada nas Ciências Humanas trabalha mais nas entrelinhas, muito embora o processo de criação seja semelhante ao que nos descreve Miguelote e Camargo Jr. no estudo supracitado. Aqui o projeto também consiste numa atividade de venda: não importa se a pesquisa é ou não útil socialmente ou apenas uma propaganda com vistas a manter a sobrevivência buro-tecnocrática de um cientista. Cabe pontuar, afinal, que nos parece razoável que em muitas conjunturas um cientista não desejaria pesquisar e apenas gostaria dar aulas, por exemplo, ou vice-versa.

Acreditamos que o cientista de universidade pública, pressionado pelas demandas governamentais e do Qualis (e já submetido ao dogma que reza a

¹⁴ Uma das tantas piadas circulantes na universidade conta que, nas Ciências Humanas, a amizade começa no amigo secreto e acaba no roubo de tese.

indissociabilidade entre ensino, pesquisa e extensão na universidade), termine por apelar. Se o que importa é o jogo sujo entre publicar ou perecer, é imprescindível que o projeto de pesquisa seja notícia, mesmo que a custo da ciência e do bolso do contribuinte. “Sede não é nada. Imagem é tudo.”, já nos ensinava certa propaganda de refrigerante.

Desse modo, a chance dum cientista deixar sua posição de Sísifo e se tornar um besouro rola-bosta em nome do prestígio universitário aumenta sobremaneira, à medida que a pesquisa perde a função que lhe caracterizaria e se torna tão-somente uma reprodução cropofágica de um dos inúmeros temas-chave ordinários, estes que em geral são aceitos mais facilmente para financiamento.

Tais temas-chave em Humanas são aqueles genéricos, isto é, que estão há muito anos na praça, até mesmo décadas; e, ao mesmo tempo, são os que possuem bastante literatura científica e/ou extra-científica nacional e/ou internacional. Num projeto de pesquisa desse tipo, desconfiamos que sempre se leve em conta que tal assunto estudado estará longe de ser consensual, já que haverá muita polêmica na tentativa de defini-lo com mais clareza, por certo que cada cientista humano – ao menos se supõe – , encontra razões diversas para defini-lo dessa ou de outra maneira.

Por exemplo, um dos temas de pesquisa mais banalizados nas Humanas é o do Construtivismo¹⁵, comentadíssimo não

só nas universidades através de estudos e pesquisas, livros, periódicos, teses e artigos, mas eixo fundamental de manuais, normas e diretrizes oficiais de quaisquer governos. Além de que é amplamente oficializado como parâmetro escolar para / nas escolas públicas, abraçado por inúmeros professores e educadores de quaisquer séries escolares, universitários ou não, além da literatura popular amplamente vendida nas bancas de jornal. Enquanto método de ensino é com frequência lhe atribuído o papel de antídoto universal para todas as misérias escolares brasileiras, mesmo que seja apenas uma entre tantas outras correntes metodológicas e que tal concepção esteja longe de ser a melhor, haja vista nossa situação educacional.

Continuando nosso exemplo, um cientista após eleger o tema-chave, em seguida o associa a um tipo de modificador, na tentativa de particularizá-lo um pouco mais, afinal de contas não só o tema é banal como existem inúmeros outros cientistas que também o estudam. Assim, poder-se-ia, quem sabe, rebatizá-lo como “Conhecimentos e Práticas do Construtivismo”. Por conseguinte, se selecionaria para ele um título, já orientando para o foco que se tomará, em breve, no futuro: “Conhecimentos e práticas na aplicação do construtivismo docente no âmbito universitário: um viés experimental”, entre diversos outros nomes que lhe poderiam servir de registro.

Com o título elegido, bastaria se servir da bibliografia carimbada como “boa”

¹⁵ Existem diversos outros temas-chave em Humanas que servem de base para essas pseudopesquisas, a saber: “Gêneros Literários Orais e Escritos”, “Metodologia de Ensino” (em si mesmo como tema ou nos inúmeros subtemas

derivados, como “Metodologia de Ensino de Língua Portuguesa” ou “Metodologia de Ensino de História” ou...), “Análise de Discurso”, “Produção Escrita”, “Semiótica” etc.

pelo Estruturalismo¹⁶ francês e legitimada por nossos universitários de prestígio, de preferência aquela cuja origem em si é interdisciplinar, porque se reforçaria a intenção inicial de não se sintetizar a pesquisa (mesmo que com isso termine por depreciar aos campos de pesquisa de fato interdisciplinares, posto que a principal qualidade desses seja a afinidade constituída entre diversas áreas de conhecimento na resolução de certa classe de problemas). Daí em diante, o cientista poderia escrever o projeto e o resumo dele seguindo as prescrições já motivadas: “Este projeto de pesquisa visa estabelecer como objeto de estudo as aplicações do construtivismo docente no âmbito docente, através do registro de práticas e conhecimentos recolhidos...” etc.

Com o projeto quase pronto, pensamos que o cientista poderia abrir seu esboço para outros cientistas do mesmo departamento, com vistas de que pudessem também vir a dar contribuições, ideias e indicar bibliografias – e assim, mesmo que sem tanto relevo e importância, estaria aberto o convite de participação desses outros no feitiço do embrião, com acréscimos, após tantos biotestes, de mais alguns objetivos e metas: “A coleta de dados deste projeto abarcará de maneira ampla as disciplinas de... e de..., tentando com isso compreender experimentalmente algumas aplicações docentes no campo escolhido..., além de...” etc.

¹⁶ A doutrina estruturalista é a corrente científicista das Ciências Humanas, cujo viés é supra-humano, ou seja, apesar de estudar o homem genericamente, despreza-o enquanto indivíduo. Sobre este tema, confira Leichsenring (2012).

Finalmente complementado o projeto, bastaria apresentá-lo para uma agência financiadora, *tomando o cuidado para que ele seja tão semelhante como tantos outros em voga nas universidades*, sobretudo nos objetivos, na linguagem e nas metas, do contrário se corre o risco de se ter o projeto reprovado. Se se quiser facilitar a empresa, poder-se-ia, outrossim, apelar para agências financiadoras de outros Estados – que desta maneira funcionariam como uma espécie de paraíso fiscal, garantindo o sigilo da pesquisa e sua manutenção; embora, neste caso, não passaria de uma pesquisa-fantasma, já que se realizaria noutro lugar que não o estado de origem do financiamento. Mas para essa hipótese se fazer valer, a nosso ver, seria fundamental um contato de confiança noutro estado que atue ou venha a atuar como um operador de economia entre a fundação e o dono do projeto de pesquisa: um colega de congresso; um ex-orientando etc.

Ora, se se aprecia mais de perto aos diversos projetos de pesquisa do tipo mantidos pela universidade, é possível perceber que dificilmente se rompem, podendo mesmo durar décadas a fio e terminar sem se concluir. Funcionando semelhantes aos seriados norte-americanos da televisão, tais pesquisas apenas têm início e meio. O fim em si não importa, desde que a audiência já tenha rendido frutos, ou seja: visibilidade maior do cientista na comunidade acadêmica, quer entre os pares, quer no todo; ibope maior entre os alunos e possíveis orientandos; aumento na popularidade quando da apresentação externa à sociedade brasileira através de mini-cursos oferecidos; incalculáveis publicações de artigos parciais, ou de “artigos-placebos” a respeito do tema de

pesquisa que está sendo desenvolvido¹⁷; estímulo ao autoplágio etc.

Enfim, uma fundação revelaria sua intenção de financiar a essa pesquisa para justificar o porquê dela ser essencial para a universidade pública existir; e o cientista conseguiria equilibrar suas finanças na universidade mantendo seu *status* em dia, já que agora possui um caixa a mais e seu maior lucro é o ganho de visibilidade entre seus pares: tão logo estará garantida sua firma no esquema de pesquisa correlato manobrado por terceiros.

4. A universidade clichê

Segundo Varsavsky (1975), num país dependente e com graves problemas sociais, uma ciência funcional que venha a se desenvolver a partir de temas direta ou indiretamente tecnológicos será de longe a mais importante como modelo de pesquisa, porque não significaria ao cientista se isolar de outros no processo de sua atividade, mas trabalhar conjuntamente e interdisciplinarmente com vistas de resolver problemas nacionais, não aceitando o que viesse de fora sem uma prévia crítica de seu proveito ao país e uso.

Para este autor, se toda política está apoiada numa ideologia, não seria diferente para o campo científico e tecnológico. A ideologia desenvolvimentista, desta maneira, determinaria quais são os países superiores a quem devemos imitar e alcançar, já que não seria possível obter crescimento através doutros meios que escapassem do consumismo desenfreado e do lucro a qualquer custo. E tal situação valeria para a política de

¹⁷ Ou para usarmos da fôrma inacabada do *gerundismo*, “da pesquisa que pode estar sendo desenvolvida agora...”.

produção científica imperante na ciência mundial, uma moda não apenas a ser admirada e comprada por todos, mas que deverá também ser copiada, mesmo que isso venha a corromper nalguns casos a prática científica¹⁸.

Nesta esteira cabe frisar que o produtivismo acadêmico não é só uma deformação da produção científica, decorrente da banalização da pesquisa científica em tempos de *corrosão do caráter* (Sennett, 2009), nem tampouco é somente um método de adaptação do cientista frente às exigências de se publicar cada vez mais e mais – mesmo que tal publicação possa servir para alguma coisa além de só entupir bibliotecas e confundir seus leitores.

O produtivismo antes de tudo se trata de um projeto político-governamental de controle tecnocrático da universidade pública que visa, entre outras coisas: a dependência cultural de grandes centros econômicos; o seguidismo intelectual e tecnológico de cientistas, uma vez que nos é impossível caminhar com nossas próprias pernas e romper o cordão umbilical para que consigamos produzir alguma coisa sem ter que se referir à matriz ou pagar pelo uso de patentes de terceiros; a limitação de criação e liberdade de eleição de temas de estudo relevantes e condizentes com nossa construção social – que longe de ser um luxo, é uma necessidade de desenvolvimento.

¹⁸ Ou, por outro lado, em não se aceitando essas regras, que se faça prevalecer ao menos o respeito entre as nações ao que prega as maiores democracias do mundo, isto é, invadir países para impor o “preço supremo do interminável progresso” (ILLICH *apud* GAJARDO, 2010): a liberdade do dinheiro, a igualdade justa das leis de mercado, a fraternidade pela propaganda e a vitória incontestada do individualismo.

Em tal condição, o conhecimento informatizado, isto é, enquanto verdade única e mediocrizado torna-se um dogma científico – quando não cultural – fazendo com que seja mais tolerável a um grande número de cientistas e mais palatável sua aceitação popular através de muita propaganda pelos meios de comunicação e entretenimento e também pela inculcação escolar.

Desta maneira, no mercado universitário, receamos que exista um interesse especial em só se publicar assuntos que sejam de senso comum, visando muitas das vezes uma promoção interesseira e interessada de certos grupos de pesquisa que fazem da atividade científica uma profissão trivial. Escravos da rotina, mas desejosos de obter o máximo proveito da estabilidade profissional pelo menor esforço, privatizam para si recursos financeiros e materiais públicos da universidade ou de fundações direcionando-os para certos campos científicos que lhes servem de feudos ideológicos, cuja crítica em si mesma ou entre grupos correlatos está cristalizada.

Entre los suministradores de servicios de utilidade inmediata para los clientes, la costumbre de abstenerse de la crítica mutua simplemente sirve como um escudo contra cualquier eventual responsabilidade por negligencia y como defensa de las ganancias monopolísticas; pero cuando se trata de una ocupación que justifica su existencia asegurando hallarse dedicada a la persecución de verdades generales, una adhesión al principio de que “entre bueyes no hay cornadas” normalmente equivale a una connivencia en el parasitismo y el fraude (ANDRESKI, 1972, pp. 17-18).

Do mesmo modo se explica a postura de uma “sociologia de não-conhecimento” por parte de algumas grandes editoras, mesmo que não universitárias: não publicar obras que contradigam a ideologia acadêmica dominante. Veja-se o caso de uma famosa editora paulistana que recentemente alegou que não publicaria em português a uma nova obra do filósofo Michel Onfray, porque não gostaria de provocar polêmicas¹⁹.

Ao que parece, aqui no terceiro mundo brasileiro, onde infelizmente falamos português, muita coisa interessante às vezes não é publicada propositadamente, decerto para manter certas conveniências ou, se for publicada, serão décadas depois, numa tentativa clara de esvaziamento discursivo e de anular o debate.

Enfim, se este é o pensamento nacional, o conhecimento científico será provavelmente sempre pequeno, burocratizado – para não dizer “burrocratizador” – de poucos escribas para pouquíssimos leitores, porque se são muitos os que se preocupam para os que pensam diferente, então também serão os que se preocupam com o conhecimento que poderia questionar as teorias oficiais.

Se ninguém publica nada além do *script*, ninguém muda nada, porque do contrário as ideias novas ameaçariam sacudir o cabedal de empregos universitários, podendo inclusive conduzir nossa ciência pobre a ricos câmbios de pensamento; sobretudo em

¹⁹ O mesmo tipo de argumento é, sem dúvida, aplicável para as obras de Andreski e Varsavsky, posto que até hoje seus livros não existem em Língua Portuguesa e suas ideias permanecem bastante atuais na crítica ao contexto de servidão cultural latino-americano. No caso do estudo de Lilge, então...

Educação, o que poderia colaborar de fato para ajudar a transformar nossa sociedade, ousando curar males que nos são históricos, como nos é a doença do analfabetismo.

Referências

ANDRESKI, S. Las ciencias sociales como forma de brujería. Trad. Juan Carlos Curutchet. Madrid: Taurus, 1973.

BENTLEY, G. C.T. ; RELLER, E.T. Frederic Lilge, Education: Berkeley In: 1985, University of California: In Memoriam. USA.

ESTÉVEZ, A. M.; MARINI, G. Corrupción y Políticas Públicas: algunos factores estructurantes; apuntes para una agenda de investigación. Documento de Trabajo (versión preliminar), Buenos Aires, 11 de febrero de 2004. Disponível em: <<http://www.econ.uba.ar/www/institutos/admin/ciap/publicaciones/documentos/Corrupcion%20y%20Politicasy%20Publicas%2001%20CIAP%20estevez.doc>>. Acesso em: 25-10-2013.

FREITAG, M. El naufragio de la universidad. Barcelona: Ediciones Pomares, 2004. Disponível em: <<http://www.uia.mx/uiainstitucional/usincondicion/pdf/elnaufragio.pdf>>. Acesso em: 21-10-2013.

GILBERT, F. Higher Education in Deutschland – The Abuse of Learning, by Frederic Lilge In: The Saturday Review, Ideas and Essays, May 22, 1948, pp. 23-24. Disponível em: <<http://64.62.200.70/PERIODICAL/PDF/SaturdayRev-1948may22/23-24/>>. Acesso em: 21-10-2003.

KAUFFMANN, E. O sucesso científico da Alemanha nos séculos XIX e XX. Rio de Janeiro: XIII Encontro de História da Anpuh-Rio, 2008.

LANDA, J. A. G. Endogamia y corrupción In: Vanity Fea. Zaragoza: Domingo, 17 de Febrero de 2008. Disponível em: <<http://garciala.blogia.com/2008/021701-endogamia-y-corrupcion.php>>. Acesso em: 11-12-2013.

LEICHSENDRING, Ivan Martins Fontes. O Sistema Qualis e a crise de valores na produção científica brasileira. 2012. Dissertação (Mestrado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2012. Disponível em: <<http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/48/48134/tde-28092012-135241/>>. Acesso em: 09-11-2013.

MIGUELOTE, V. R. S.; CAMARGO JR., K. R. de. Indústria do conhecimento: uma poderosa engrenagem. Revista de Saúde Pública, 2010; 44 (1): pp. 190-6. Disponível em: <<http://www.revistas.usp.br/rsp/article/view/32758/35233>>. Acesso em: 09-11-2013.

RINGER, F. K. O declínio dos mandarins alemães: a comunidade acadêmica alemã, 1890-1933. Trad. de Dinah de Abreu Azevedo. São Paulo: Edusp, 2000.

ROBINSON, D. K. Collegiality, Contingency, and the Continuation of Tenure In: Annual meeting of Missouri Conference of AAUP. Webster University, St. Louis, MO, February 24, 2007. Disponível em: <www.moaaup.org/docs/RobinsonSpeech07.doc>. Acesso em: 21-10-2003.

SENNETT, R. A corrosão do caráter: as consequências pessoais do trabalho no novo capitalismo. Rio de Janeiro: Record, 2009.

VARSAVSKY, O. Ideología y Verdad y Bases para una política nacional de Tecnología y Ciencia, 1973 In: Ciencia e ideología - Aportes polémicos. Buenos Aires: Ediciones Ciencia Nueva S.A, 1975.

VARSAVSKY, O. Hacia una política científica nacional. Caracas: Monte Ávila Editores Latinoamericana C. A., 2006 (1ª edición, Ediciones Periferia, Buenos Aires, 1972).

TRAGTENBERG, M. “A delinquência acadêmica” In: Sobre educação, política e sindicalismo. São Paulo: Editora da Unesp, 2004.

*Recebido em 2013-12-18
Publicado em 2014-01-01*